



Introdução à Romanza senza parole “T’Amo” (versão para quarteto duplo de cordas), de Meneleu Campos

Mário Alexandre Dantas Barbosa*

Maria Alice Volpe**

Resumo

Apresentação da edição musicológica da obra intitulada “T’Amo!” *Romanza Senza Parole (per Quartetto [Quintetto] d’archi (doppio))*, do compositor paraense Otávio Meneleu Campos (1872-1927), numa versão elaborada por ocasião de sua tournée ao Sudeste do país em 1909. A edição foi elaborada a partir de conjunto documental autógrafo (partitura e partes) pertencente ao acervo da Divisão de Música e Arquivo Sonoro da Biblioteca Nacional (RJ).

Palavras-chave

Meneleu Campos – romance sem palavras – música de câmara – romantismo musical brasileiro.

Abstract

This article presents the musicological edition of work entitled “T’Amo!” *Romanza Senza Parole (per Quartetto [Quintetto] d’archi (doppio))*, by the Pará State composer Otávio Meneleu Campos (1872-1927), on an arrangement made during his tour to the Southern of his country in 1909. The edition was based on the autograph manuscripts of the score and parts held by the National Library (Rio de Janeiro, Brazil)’s Music and Sound Collection Division.

Keywords

Meneleu Campos – song without words – chamber music – Brazilian musical romanticism.

* Colégio Pedro II. Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Endereço eletrônico: malexdantas@gmail.com.

** Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Endereço eletrônico: volpe@musica.ufrj.br.

Artigo recebido em 20 de setembro de 2015 e aprovado em 5 de novembro de 2015.



Entre os inúmeros músicos e compositores paraenses revelados pelos estudos pioneiros de Vicente Salles, *Música e músicos do Pará* (1970), ressalta-se o compositor Otávio Meneleu Campos, nascido em Belém do Pará em 22 de julho de 1872; filho de João Marinho de Campos e de Adelaide da Costa Campos. Sua formação musical se iniciou ainda no ambiente doméstico, onde sua mãe e irmã, ambas pianistas, cultivaram no caçula da família o gosto pela música ao dar-lhe as primeiras lições ao instrumento. A efervescência artística vivida na capital paraense à época, fruto da urbanização favorecida pelo Ciclo da Borracha, constituía-se também num fator favorável à familiarização de Meneleu com a música culta, uma vez que a oferta de programas que incluíam este tipo de música fazia-se em grande escala nos ambientes frequentados pela elite econômica à qual pertencia sua família. Os estudos foram continuados, numa primeira fase, sob orientação de Adelelmo do Nascimento (1852-1898), violinista baiano radicado em Belém. Com esse professor o jovem músico desenvolveu-se a ponto de fazer seus primeiros experimentos no campo da composição. Além das lições, o mestre Adelelmo, atento às inclinações e ao talento de seu aluno, foi o responsável por indicar aos genitores de Meneleu, que o jovem tinha um potencial que justificava maior investimento, recomendando seu envio para um centro de formação musical na Europa. Em cartas escritas pelo mestre aos pais do discípulo lê-se: “Fique certo de que nunca me consolaria se me enganasse sobre o talento e o futuro do meu caro discípulo.”¹ E ainda:

Cada vez mais estou convencido de que tive razão quando lhe sugeri a idéia de mandal-o a Europa, assegurando-lhe que o Meneleu era dotado de um talento superior e de bastante força de vontade para vencer todas as dificuldades d’esta arte imensa e espinhosa, e tornar-se um musico distinctissimo, uma verdadeira glória para a sua familia, a sua terra natal e a sua Patria.²

Conforme registra a imprensa da época, “Meneleu Campos embarcou para Milão, no dia 1 de maio de 1891, a bordo do vapor Manauense, tendo ali chegado em junho ou julho do mesmo ano” (*A Provincia do Pará*, 11 jan 1900, p. 1). Ainda no verão europeu de 1891 o jovem paraense Meneleu iniciou um período de preparação para o ingresso no Conservatório de Milão junto ao maestro Andrea Guarneri (1840-1899). Também durante esse tempo produziu algumas peças novas, mantendo em linhas gerais o traço do que compusera ainda em sua terra natal³.

1 Excerto de carta datada de 1888, cf. *A Provincia do Pará*, 11/01/1900, p. 1.

2 Excerto de carta datada de 1892, cf. *A Provincia do Pará*, 11/01/1900, p. 1.

3 Suas peças inaugurais foram a quadrilha “Graphira” e a valsa “Pétalas Esparsas” editadas em 1888 (Salles, 1972, p. 159), e a valsa “Cecy” manuscrito datado mais antigo disponível da lavra do compositor (“Pará, janeiro de 1891”). Ainda antes de deixar sua terra natal compôs as valsas “Ariadne” e “Pétalas Esparsas”. No período em que estudou com Guarneri produziu obras inseridas no mesmo gênero a valsa “Dolci rimembranze” e a marcha “15 de Novembro”.



Ao ingressar no Conservatório, em 1891, Meneleu Campos inicia uma nova fase de sua formação e, conseqüentemente, de sua produção. Durante o período dos estudos sob a orientação de Vincenzo Ferroni (1858-1933) na instituição dirigida por Antonio Bazzini (1818-1897) ocorreu uma produção significativa não apenas em termos quantitativos, mas também qualitativos⁴.

O romance sem palavras “T’Amo!” foi composto em um dos anos iniciais de Meneleu como aluno do Conservatório de Milão. Essa mesma peça recebeu várias versões, destinadas, por sua vez, a diferentes combinações camerísticas, bem como formações orquestrais além de execução a solo. Constitui-se, assim, em um dos melhores exemplos para constatar um traço distintivo de Meneleu Campos, que foi o de rearranjar peças de sua autoria de acordo com condições específicas de execução. Digno de nota é o fato de que o romance sem palavras “T’amo!” foi a peça instrumental que mais arranjos recebeu, voltando às mãos de seu compositor em praticamente todas as fases subsequentes de sua trajetória profissional. O Catálogo Geral realizado por Volpe (1994) sobre a *Música de câmara do período romântico brasileiro (1850-1930)* apresenta o primeiro levantamento com descrição detalhada das fontes da produção camerística de Meneleu Campos, totalizando 19 itens, dos quais “T’amo!” figura no verbete nº110. O Catálogo Geral de Obras Musicais de Otávio Meneleu Campos realizado por Barbosa (2012a) sistematiza as informações relativas às diversas versões para todas as formações instrumentais que essa peça recebeu do compositor. A partir dessa última obra de referência é possível sintetizar a questão das diferentes versões no quadro abaixo:

4 A parcela composta durante o período de estudos no Conservatório de Milão inclui peças líricas para piano solo e para formações camerísticas, obras orquestrais, quartetos de cordas diversas *romanze* para canto, obras corais e a ópera “Il Salvocondotto”.



MEIO DE EXECUÇÃO	FONTE	DATA	TÍTULO
Piano solo	BNRJ: MS/C-XXVI-104, manuscrito autógrafo	s/d (anterior a mai/1894)	T’Amo! Piccolo Intermezzo per pianoforte
	BNRJ: MS/C-XXVI-54, manuscrito cópia	11/12/1954	TAmo! Intermezzo para piano
	BNRJ: M786.1/C-VI-97, Edição: E. Nagas	s/d (anterior a mai/1894)	T’Amo! Romanza (senza parole)
Quarteto de Cordas (c/surdina)	BNRJ: MS/C-XXVI-164, manuscrito autógrafo, com mutilações	Par[á], junho 191[?] (inst. par[a] a festa dos [novos])	<u>T’Amo</u> Intermezzo (para ser executado durante a declamação de poesias)
Quarteto de cordas c/[opc.] 2 clarinetes, trompa e contrabaixo	MS/C-XXVI-129, manuscrito autógrafo	Rio de Janeiro, Nov/1909	<u>T’Amo!</u> <u>Romanza senza parole</u> per <u>Quartetto d’archi</u> (doppio)
Pequena orquestra (I)	BNRJ: MS/C-XXVI-131, manuscrito autógrafo, partitura incompleta	Pará, Ago/1905	T’Amo Romanza Senza Parole (Instrumentata dall’autore par piccola orchestra)
Pequena orquestra (II)	BNRJ: MS/C-XXVI-88 manuscrito autógrafo	Pará, Ago/1905	T’Amo Romanza Senza Parole (Instrumentata dall’autore par piccola orchestra)
Orquestra	BNRJ: MS/C-XXVI-100, manuscrito autógrafo	Pará, Out/1900 (“Instr.”)	T’amo (Preludio orchestrale) Romanza senza parole
“Grande orquestra”	BNRJ: MS/C-XXVI-131, manuscrito autógrafo	Lisboa, Jan/1914 (“Instr.”)	T’Amo! <u>Intermezzo orchestrale</u> (grande orchestra)

Tabela 1. Quadro Comparativo das diferentes versões de “T’Amo!” (cf. Barbosa, 2012a).

Em termos estilísticos confirmava-se um redirecionamento estético realizado por Meneleu Campos que, até o ingresso no Conservatório, só contava com música de dança entre suas composições, mas que pela segunda vez desde então produzia peça de caráter lírico⁵, típica do romantismo. Ao compor uma peça instrumental curta,



de caráter lírico, Meneleu Campos revelou, pois, algo da estética a qual buscava se filiar. Encontrando expressão nas pequenas formas, líricas ou características, da geração romântica, incluindo-se o romance sem palavras, a berceuse, o impromptu e o noturno, (Blume, 1970), o compositor paraense revela o nível de refinamento que buscava imprimir em suas obras desde os momentos iniciais de sua carreira.

Dentre as fontes referidas, todas integrantes do acervo da Divisão de Música e Arquivo Sonoro (DIMAS) da Biblioteca Nacional (BNRJ), o exemplar da edição italiana (Milão, E. Nagas, s.d.) destaca-se por trazer o registro de data mais antigo a ela relacionado, numa dedicatória de próprio punho do compositor à sua irmã, a pianista Adelaide Lívia de Campos, aos “20 de maio de 1894”.

Interessante observar que no concerto em que Meneleu estreia como maestro-compositor no principal palco de sua cidade natal, a peça ora em apreço é incluída no programa. Naquela ocasião foi executada ao piano por Ettore Bosio (1862-1936), em 27 de janeiro de 1900 (*A Provincia do Pará*, 29 jan 1900, p. 3, seção Espectáculos e Concertos), mesmo dia em que o compositor tomara posse como diretor do Conservatório Carlos Gomes (*A Provincia do Pará*, 28 jan 1900, p. 3, Seção Conservatório Carlos Gomes).

Em 1902, quando Meneleu Campos estava incumbido da parte musical da cerimônia de casamento do vice-governador do Estado do Pará e fez constar do programa apenas trabalhos seus⁶, executados por uma orquestra de 22 músicos, dentre eles, “T’Amo!” (*A Provincia do Pará*, 10 dez 1902, p. 2, seção Vida Social). A orquestração realizada dois anos antes, cujos registros de estreia não foram encontrados nesse interregno, foi, provavelmente, a versão executada na referida cerimônia religiosa ocorrida na Catedral de Belém, com grande repercussão naquele meio social (cf. *A Provincia do Pará*, 12 dez 1902, p. 2, seção Vida Social).

Em 1905 tem-se novamente a oportunidade de identificar uma ocasião em que a peça ora em tela é executada. A imprensa noticia um concerto organizado por Gama Malcher no Sport-Club de Belém⁷:

Salões [...] / Continua a despertar grande animação o festival artístico que o maestro Gama Malcher realiza em começo de setembro proximo, nos salões do Sport-Club. / Do programma, além do ramalhete da Tosca de Puccini, arranjada pelo concertista, e outros numeros de musica classica, constam uma romanza e uma gavotta do maestro Meneleu Campos, especialmente por elle instrumentadas para a festa alludida. (*A Provincia do Pará*, 25 ago 1905, p. 1, seção Vida Social).

6 Além de “T’Amo!”, as composições de Meneleu Campos executadas neste cerimônia foram a Marcha Nupcial, o Prelúdio “Alvorada” e o Andante em Sol.

7 Para mais informações sobre a atuação de Gama Malcher na promoção de concertos sediados pelo Sport Club ver Barbosa (2012b).



Embora o anúncio acima⁸ não seja tão claro quanto aos títulos das composições de Meneleu que constariam no programa, é importante ressaltar que o termo “instrumentadas” refere-se ao tipo de trabalho recorrente nos anos finais da gestão de Meneleu Campos como diretor do Conservatório Carlos Gomes (1900-1908), nos quais o romance sem palavras “T’amo!”, tem uma nova proposta de instrumentação realizada. Parece razoável, a partir desses dados, aventar-se a ideia de mais uma execução da obra em apreço.

A trajetória de Meneleu Campos, marcada por vários deslocamentos, é pontuada no segundo semestre de 1909 por uma única tournée feita pelo compositor ao sudeste do seu país. No primeiro dia do mês de julho já era anunciada na imprensa fluminense a presença de Meneleu na cidade do Rio de Janeiro e prevista uma récita de suas obras:

Meneleu Campos – De regresso de sua ultima viagem á Europa, onde deu alguns concertos, acha-se nesta Capital o Maestro Meneleu Campos, distinto compositor paraense, autor da opera Gli Eroi, libreto de Illica, que brevemente será cantada em Milão, onde o nosso patricio fez os seus estudos, recebendo o diploma do Conservatório daquela cidade, eminentemente musical./ Além dessa opera, o Sr. Meneleu Campos tem composto quatro Quartettos, um Concerto de piano com acompanhamento de orchestra uma Fantasia de concerto para violino com orchestra, Symphonias, Poemas symphonicos, muitos numeros de canto, etc., etc./ Em um concerto que o Sr. Meneleu Campos dará brevemente nesta Capital, no salão Jornal do Commercio, fará ouvir muitas das suas composições. (*Jornal do Commercio*, 1 jul 1909, p. 6, seção Theatros e Música)

Desta vez a romanza senza parole não consta dos programas dos concertos anunciados. Entretanto, foi neste contexto que Meneleu realizou, além de cópias de peças suas⁹, também trabalhos de orquestração – o Noturno em Mi ganhou sua versão orquestral sem a presença de violino(s) solista(s)¹⁰ e o romance sem palavras “T’Amo!” sofreu arranjo para uma formação singular (quarteto duplo de cordas) no âmbito global da produção camerística de Meneleu. A partir da data constante nesta partitura se torna possível afirmar que a permanência de Meneleu Campos na capital federal prolongou-se até o mês de Novembro¹¹.

8 Um *fac-simile* do convite-programa do referido concerto é trazido por Salles (2005, p. 127-128) em sua obra dedicada a Gama Malcher.

9 As partituras copiadas por Meneleu que trazem data deste período são o Scherzetto em Fá e as romanze “Nella mia barca vieni, oh fanciulla” e “Nell’aria della sera”.

10 Outras versões orquestrais existentes desse mesmo Noturno envolvem um ou dois violinos solistas.

11 No frontispício da partitura, vem informado “(Rio-Novembro-1909)”, grifo nosso.



Referida como “intermezzo orchestrale”, a peça que traz “T’Amo!” como título sugestivo é mais uma vez alvo de um arranjo instrumental, trabalho que se inicia em dezembro de 1913 e tem sua conclusão em janeiro de 1914, por ocasião do terceiro retorno de Meneleu Campos à Europa. A versão para orquestra produzida em Lisboa possui instrumentação maior que a produzida no Pará em outubro de 1900¹². A mesma relação se dá com as outras instrumentações que se sucedem a esta ainda em janeiro de 1915. Tanto o Noturno em Mi bemol, que possuía versão anterior datada “Milão/1907”, quanto a valsa-boston “Rêve-bleu”, cuja versão orquestral havia sido recentemente composta, receberam a mesma instrumentação, caracterizando uma série que, muito provavelmente, foi produzida para algum concerto específico. Infelizmente, não se dispõe de muitas fontes sobre as atividades de Meneleu Campos em Paris e em Lisboa durante este triênio, constituindo um desafio para as pesquisas sobre o compositor. O cunhado do compositor faz um breve comentário relativo ao período: “por excessiva modéstia, tão de molde na alma paraense, que chega a ser condenável, não exibiu seus trabalhos nos concertos do Teatro São Carlos, dirigidos pelo Maestro espanhol Sr. Blanch” (Parente, 1972, p. 218). Desconhecidas as fontes que J. Janú Parente utilizou para fazer tal afirmação, pode-se apenas afirmar que a produção orquestral de períodos anteriores, principalmente após a investidura no cargo de diretor do Instituto Carlos Gomes, caracteriza-se por surgir em função de uma concreta possibilidade de execução e com uma instrumentação condizente às condições apresentadas pela mesma. Outrossim, embora seja um período pouco pesquisado, sobre o qual a bibliografia específica não se atém aos detalhes, é o momento de uma produção não desprezível. No âmbito da música para orquestra haverá pouco ou nenhum acréscimo após a volta do compositor à sua terra natal. No período de seu terceiro retorno à Europa, contudo, Meneleu Campos consolida uma produção orquestral que, quantitativamente, insere-o entre os compositores do período romântico que mais produziram para esse meio de execução, sendo superado apenas por Francisco Braga¹³.

Após mais um pequeno interregno, o trabalho de Meneleu volta a se dinamizar naquele que seria o último triênio de sua atuação no meio artístico belemense (1924-1926). No tocante à produção destinada às formações camerísticas encerra a sua produção a instrumentação do prelúdio “Anoitecendo” para quarteto de cordas com piano. Na partitura desta peça, datada “Pará/ junho/ 1924”, aparece a interessante indicação “para ser executado/ durante declamações/ de poesias”. Tal

12 A instrumentação finalizada em Lisboa/1914 envolve 2 fl, ftn, 2 ob, 2 cl, 2 fg, 4 trp, 2 tpt, 3 tbn, tb, cln e cordas, distinguindo-se da anterior (Pará/1900) que utiliza oboé único, 2 trompas ao invés de quatro e não inclui flautim, fagotes, tuba ou clarone.

13 Na obra de Ripper (1988) na qual houve um esforço de catalogação da música brasileira para orquestra são relacionados 34 títulos de Francisco Braga, 31 de Alberto Nepomuceno, 26 de Henrique Oswald, 14 de Leopoldo Miquez e 6 de Alexandre Levy. O Catálogo Geral da Produção Musical de Meneleu Campos (Barbosa, 2012a) revela Meneleu Campos como compositor de música orquestral equivalente a 33 títulos, sem levar em conta as múltiplas versões de uma mesma peça. Importante ressaltar que Ripper não inclui Meneleu Campos em seu levantamento.



indicação reporta ao relacionamento que o compositor tinha com os representantes do meio literário em sua terra natal. Jacques Flores (1898-1962), literato paraense, em matéria publicada logo após o falecimento de Meneleu Campos, refere-se ao incentivo que este compositor buscava dar à Associação dos Novos, como era conhecida a mocidade literária de Belém, na década de 1920. Jacques Flores testemunha de quando o compositor proporcionou que a sessão da referida associação, que comumente se dava em frente a um público restrito, fosse realizada no Theatro da Paz. Foram palavras de Meneleu, segundo transcritas na matéria: “Estou satisfeitíssimo. Cumpri o meu mais acendrado desejo que era exhibir o valor de vocês perante o povo desta capital...” (A *Semana*, 23 abr 1927). Outro exemplo de peça camerística para a mesma formação cuja partitura também indica ser destinada à execução durante a declamação de poesias é o intermezzo para quarteto de cordas “T’Amo”. A partitura dessa versão de “T’Amo!” apresenta mutilações que deixam algumas informações, tais como a data de composição, incompletas. Uma possibilidade é o contexto de produção das versões de “T’Amo!” e “Anoitecendo” ligarem-se à sessão músico-literária aludida por Jacques Flores¹⁴.

Uma última fonte chama a atenção. O único manuscrito não autógrafo do conjunto aqui discutido, cópia da versão para piano solo realizada por Maria Gabriela Pereira de Carvalho, datada “11-2-[19]54” sugere o interesse pela peça ainda numa data bem posterior ao da sua composição.

A edição que será apresentada nas páginas seguintes foi realizada a partir do manuscrito autógrafo da versão para conjunto de câmara datado “Rio, Novembro/1909”. O conjunto documental é constituído por uma partitura de nove páginas mais vinte páginas referentes a partes cavadas. A escrita original é para quarteto duplo de cordas ao qual é sugerido pelo compositor, em registro no frontispício, a opção de serem acrescentados duas clarinetas e trompa, caso haja disponibilidade¹⁵. Nas mesmas pautas do quarteto de cordas encontram-se escritas as linhas para os instrumentos opcionais, com outra tinta e traço mais fino. No frontispício também é oferecido, por nota deixada pelo compositor, a possibilidade da substituição da viola por saxofone tenor, bem como o reforço do violoncelo por clarone e a adição de contrabaixo ao conjunto de instrumentos de arco. Em meio às anotações deixadas no frontispício o compositor ainda frisa que “deve ser executado com o quartetto duplicado para obter o verdadeiro efeito”. Tal flexibilidade demonstrada pelo compositor ao prever múltiplas combinações de conjunto instrumental nessa versão camerística, constitui um exemplo importante da sua concepção quanto à funcionalidade dos seus arranjos.

14 Em meio às anotações incompletas em função das mutilações na partitura do Intermezzo para quarteto de cordas “T’Amo!”, encontra-se “inst. par[a]/ festa dos [?]”, que, confirmada a hipótese acima aventada, poderia ser completada como “festa dos novos”.

15 Um detalhe quanto ao arranjo é expresso apenas nas partituras das três romanze cujo trabalho foi feito posteriormente: “É necessário que/ a execução seja feita/ com o quartetto duplicato; a trompa e os 2 clarini podem ser dispensados caso seja difficil enconral-os.”. Na partitura de “Ricordati di me”, tal indicação é encontrada em idioma italiano.



Optou-se por apresentar uma versão incluindo apenas os arcos, transcrevendo as pautas da versão primitiva (sem os acréscimos dos sopros) da partitura mais a parte do contrabaixo (presente no conjunto documental apenas por parte cavada).

O acesso a essas fontes nos traz diversas informações que ajudam a entender o contexto de criação da obra e a história de sua recepção. Primeiramente, é importante considerar que dentre os registros encontrados, três são da versão para piano, três tratam-se de versões para orquestra, e os demais para formações camerísticas. Outro detalhe a ser apontado é que a terminologia para fins de titulação da obra varia entre *intermezzo*, *prelúdio* ou *romanza senza parole*, predominando a última principalmente nas formações camerísticas. Outros compositores brasileiros de música de câmara do mesmo período que escreveram no gênero “romance sem palavras” foram Elpidio Pereira, Luís Levy e Alípio César Pinto da Silva (Volpe, 1994). Ainda, dentre as informações encontradas nessas fontes, temos as datas referidas nos manuscritos, que nos fazem notar a presença da peça em vários episódios importantes no decorrer da trajetória do compositor. Trata-se também de um forte exemplo da capacidade do compositor de arranjar uma mesma peça adaptando-a a condições específicas de performance e da atualização estética que experimentou em seus estudos na Europa. Meneleu Campos faleceu em Niterói, em 20 de março de 1927, deixando um legado de cerca de 140 títulos, que se mantém, em sua maioria, aguardando por edição.

REFERÊNCIAS

Barbosa, Mário Alexandre Dantas. *Meneleu Campos (1972-1927), um compositor paraense: trajetória profissional e catálogo geral*. Dissertação de Mestrado (Música: Musicologia). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012a.

Barbosa, Mário Alexandre Dantas. “Música de Câmara no Norte do Brasil: atividades de dois grupos estáveis no fim do séc. XIX”. In: Anais do II Simpósio Brasileiro de Pós-Graduandos em Música (SIMPOM), Rio de Janeiro, 2012b. v. 2. p. 1249-1259.

Barbosa, Mário Alexandre Dantas. “Meneleu Campos: contexto de criação e recepção de duas peças líricas de câmara”. In: Anais do XVII Congresso da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música (ANPPOM), São Paulo, 2007.

Blume, Friedrich. *Classic and romantic music: a comprehensive survey*. New York: Norton, 1970.

Parente, J. Janú. *Maestro Meneleu Campos: Notas biográficas*. Revista de Cultura do Pará, Belém: Revista de Cultura do Pará. Belém: Conselho Estadual de Cultura, v. 2, n. 8/9, p. 203-228, jul./dez. 1972.



Ripper, João Guilherme. *Música brasileira para orquestra: catálogo geral*. Rio de Janeiro: FUNARTE/Instituto Nacional de Música, 1988.

Salles, Vicente. *Música e músicos do Pará* (1970). Belém: Conselho Estadual de Cultura, 1970. p. 98-101.

Salles, Vicente. *Centenário de Meneleu Campos*. In: Revista de Cultura do Pará. Belém: Conselho Estadual de Cultura, v. 2, n. 8/9, p. 167-202, jul./dez. 1972.

Salles, Vicente. *Maestro Gama Malcher: a figura humana e artística do compositor paraense*. SECULT/Editora Universitária UFPA, 2005.

Volpe, Maria Alice. *Música de câmara do período romântico brasileiro (1850-1930)*. Dissertação de Mestrado (Artes/ Música: Musicologia). São Paulo, Universidade Estadual Paulista - UNESP, 1994.

MÁRIO ALEXANDRE DANTAS BARBOSA é docente no Colégio Pedro II, Rio de Janeiro, desde 2015. Doutorando em música (Musicologia) na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Mestre em Música pela UFRJ (2012). Licenciado em Música pela UFRJ (2009). Atuou como professor substituto de História da Música e Música Brasileira (2015), na UFRJ. Autor de artigos publicados em anais de eventos científicos da área de música de âmbito nacional (ANPPOM) e internacional (SIMPOM, SIM-UFRJ, SIMA), bem como em periódico acadêmico especializado (Revista Brasileira de Música). Tem-se dedicado à pesquisa da música paraense do século XIX e XX, do periodismo musical brasileiro e da bibliografia musical com fins didáticos. Catalogou a obra completa do compositor paraense Otávio Meneleu Campos (1872-1927). Colaborou com o projeto Ópera na Amazônia, integrando a equipe de transcrição/revisão da ópera *Glí Erói*, de Meneleu Campos. Colabora com o Projeto *Bibliografia Musical Brasileira* da ABM, integra como pesquisador-assistente o Projeto RIPM-Setor Brasil e participa do Grupo de Pesquisa *Novas Musicologias* (PPGM-UFRJ).

MARIA ALICE VOLPE é docente da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Coordenadora do Grupo de Pesquisa *Novas Musicologias* (PPGM-UFRJ), fundado em 2002. Dedicou-se à pesquisa da música brasileira do período colonial, séculos XIX e XX, bem como aos problemas teórico-conceituais e questões críticas da musicologia e das políticas científicas e culturais. Seus projetos têm recebido apoio do CNPq, CAPES, FAPESP, FAPERJ e Biblioteca Nacional. Doutora (PhD) em Musicologia/Etnomusicologia pela University of Texas-Austin, EUA (orientador: Gerard Béhague). Mestre em Música pela UNESP (orientador: Régis Duprat). Desde 1994 tem colaborado em publicações e congressos nacionais e internacionais. Prêmios: Steegman Foundation Grant for South-American Scholar (IMS 2007); Music & Letters Trust – Oxford University Press (2008). Fundadora e coordenadora do Simpósio Internacional de Musicologia da UFRJ. Desde 2010 é editora-chefe da *Revista Brasileira de Música*. Membro eleito da Academia Brasileira de Música.